

# Caçadores e recoletores na sociedade da informação

Reginaldo Rodrigues de Almeida

Universidade Autónoma

Lisboa, Portugal

[ralmeida@universidade-autonoma.pt](mailto:ralmeida@universidade-autonoma.pt)

...

## RESUMO

A informação continua na moda e não perde peso. Somos dominados tecnologicamente e muito mais esclarecidos. Seremos? Vivemos Cisnes Negros diariamente sem o sabermos, entramos em jogos desconhecendo se caímos na casa da sorte ou na casa da morte.

A propalada Sociedade da Informação é um mito e as vivências pessoais, profissionais, familiares, entre outras, passam por muitas realidades onde é essencial não perder o legado do mundo real, sabendo que as raízes da invenção do futuro estão sempre no passado, por mais silenciosas que sejam.

Os mil milhões de utilizadores do Facebook registados em Outubro de 2012 diminuem o tamanho do planeta ou fazem-nos recuar a 1984 e lembrar George Orwell?

**Palavras-chave:** Sociedade da informação; e-skills; acesso à informação; acesso ao conhecimento; democratização do conhecimento

## ABSTRACT

Máximo de 250 palavras. (Arial Narrow 10, justificado)

**Keywords:** [3 a 5 palavras-chave]

Se tivéssemos que escolher um símbolo para a sociedade em que vivemos, uma palavra associada a uma imagem, onde iria recair a nossa escolha? Na rede? No computador? Na adjetivação da sociedade, maior que um catálogo de tintas? Sociedade da Informação, do Conhecimento, Digital, Multicultural, Solidária, da Aprendizagem, da (Des)Confiança, Empreendedora, (Des)Regulada, da Escassez, mas também da Abundância, da Oportunidade, ou da falta dela, Sem Fronteiras, em Rede, Kamikaze, Global, Inclusiva e, em simultâneo, Exclusiva, da Incerteza, da Supremacia da Máquina, Online, Cibernética, Clónica, ...

Deverá o tal símbolo consubstanciar-se na Mudança? Na Rapidez? Na Acessibilidade? Nesta aparente mas, quantas vezes tão falsa, Democracia no acesso à informação?

Se o nosso símbolo fosse uma letra a opção era mais óbvia recairia no E que nos envolve a cada passo e parece fazer com que todas as palavras estejam no mesmo capítulo do dicionário: e-mail, e-escola, e-skills, e-valor, e-publishing, e-learning, e-commerce, e-books, e-government, e-democracia, e-services, e-program, entre muitos outros exemplos.

O E aproxima-nos? Permite uma maior transparência e acesso à informação? Melhora a relação dos, e com os cidadãos? Depende, se a nossa jogada nos enviar para a casa da sorte ou para a casa da morte.

Qual o papel da burótica, da telemática ou da robótica para diminuir as filas de espera nos hospitais? Como podem milhões de inputs e outputs contribuir para uma Justiça verdadeira?

Queremos estar online e ver e, de preferência, não ser vistos, receosos da perda de privacidade quando, em simultâneo, nos expomos nas redes sociais, abrindo portas e janelas ao mundo, a vários mundos e sabemos que 'Casa dos Segredos' foi a segunda expressão mais googlada em Portugal, segundo os registos do Google Zeitgeist.

Concluimos pois que um dos melhores e mais verdadeiros adjectivos para a sociedade actual é Sociedade do Desequilíbrio.

Saltamos entre interfaces como quem muda de estação nos transportes, o nosso LCD é o nosso maior amigo, as polegadas reentraram na nossa linguagem, discutimos placas de vídeo e outras, vivemos à janela argumentando que B2C é melhor que B2B e temos como animal de estimação o rato.

Mais que quaisquer outros, os profissionais da informação são caçadores e recolectores nesta sociedade múltipla de multirecursos em variados suportes. Reaprendemos a viver como nómadas e o sedentarismo só nos caracteriza quando não estamos ligados à rede, cuja percentagem de tempo é reduzida uma vez que até os próprios momentos de (e-)descanso, se concretizam a conversar e a interagir com amigos no Facebook.

Se em termos históricos foram os caçadores recolectores que descobriram como controlar o fogo, que lhes permitiu mudar a alimentação, garantir iluminação, providenciar segurança, assegurar acesso a armas de superior qualidade e melhores condições de vida através do aquecimento, nós temos o nosso fogo, a internet, através da qual e na qual retiramos o alimento do dia-a-dia: informação.

Mas será que a dominamos? Na perspectiva da democraticidade do acesso, não. E, por outro lado, com frequência ela volta-se contra nós em acções de e-bullying, em ataques de pirataria informática, em apagões e com a acção de vírus que, no conjunto, nos fazem lembrar mudanças de humor de uma pessoa.

Poderemos afirmar que a Máquina detém uma supremacia sobre o Homem? E que aqueles que não se adaptarem ou não acederem por razões de ordem económica, cultural, geopolítica ou até por uma simples crença de estimação em sistemas mais clássicos e obsoletos estarão manifesta e derradeiramente excluídos?

Será que essa exclusão representa uma situação nova no mundo ou é lícito afirmar que desde tempos imemoráveis existiram info-ricos e info-pobres, independentemente do meio pelo qual é veiculada a informação?

Há séculos que existem bibliotecas, mas será que estas sempre foram ou serão, ainda hoje, acessíveis a todos? E quantos dos que já entraram numa biblioteca tradicional são capazes de executar uma pesquisa metódica, organizar e estruturar corretamente a informação recolhida? E será que independentemente do livre e (aparente) democratizado acesso ao conhecimento não continuará a ser necessário o querer individual? E se sim, então por que razão andamos todos a falar da Sociedade da Informação e da importância do saber como se estivéssemos a falar de um programa passível de nos ser instalado no cérebro em micro chip?

Não esqueçamos que nunca acompanharemos a Sociedade da Informação ou tão pouco chegaremos a perceber o que se pretende dizer com isto enquanto não existir um discurso político coerente, lúcido e capaz de harmonizar os interesses privados com os interesses públicos.

É bom de ver que a democratização do conhecimento impõe novas políticas de acesso e divulgação do mesmo de

maneira a esbater as diferenças resultantes precisamente do facto de a informação ser hoje - teoricamente - acessível a todos. Nesta linha de pensamento, parece haver um elo inquebrável entre os meios e os conteúdos, ou seja, se queremos aceder ao conhecimento, temos de promover os meios que, por sua vez, no quadro em que nos encontramos, estão mais acessíveis relativamente àqueles que desde logo já possuem um maior nível de informação.

Assim, se nos fixássemos nesta operação intelectual, apesar de a podermos ter como verdadeira aprioristicamente, entraríamos numa espiral viciada de impossibilidades de nulo contributo para fazer face a uma realidade irreversível decorrente de uma sociedade global, altamente tecnológica e digital, mas pouco reprodutiva!

Os documentalistas caçam e recolhem, transportam, armazenam, traduzem e reciclam informação. Partilham-na, vendem-na, dão-lhe acesso. A bem da verdade, os desafios sempre estiveram presentes nas suas vidas. O modo como são encarados é que muda. Desde logo, se se encaram ou não os desafios; depois, se se aceitam; por último, como se abordam.

Grande parte desta reflexão é constituída por perguntas, temos consciência disso pois, apesar da existência de muita informação e conhecimento, as dúvidas, as questões, as interrogações, as indagações e todos os sinónimos que se possam encontrar, constituem a mola para um presente e um futuro críticos e participativos.

No meio de tanta questão, arriscamos a resposta a uma delas: se escolhermos um objeto para identificar a atual sociedade, a probabilidade da escolha recair no caleidoscópio, é grande. Curiosamente, o caleidoscópio é uma peça que vem do passado e é conhecido por ter sido um brinquedo infantil, tão do agrado de muitos de nós.

Um tubo com três espelhos que formam um prisma e que, em conjunto com lâminas translúcidas, fazem nascer imagens que parecem em movimento, mais ou menos acelerado, conforme se girar mais depressa ou mais devagar.

A beleza da ilusão conquista-nos, as formas coloridas agradam-nos, a não repetição de modelos surpreende-nos, a mudança está literalmente nas nossas mãos. Saibamos usá-la.